

MEMÓRIA CULTURAL E LINGUÍSTICA DO BRASIL COLÔNIA EM “CHORAR AS PITANGAS”

Nancy A. ARAKAKI¹

Doutora em Língua Portuguesa/PUC-SP

Membro pesquisadora do IP-PUC/SP²

Membro pesquisadora do GP-CILL do Mackenzie-SP³

RESUMO

A formação do Português Brasileiro traz à tona a influência que as línguas indígenas exerceram sobre esse patrimônio cultural nos primeiros dois séculos de colonização. No centro de possíveis interferências lexicais, encontram-se as expressões idiomáticas criadas num contexto cultural específico que nos permitem identificar e ratificar a importância do tupi antigo.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Expressão Idiomática.

Para iniciar

A cultura brasileira é o resultado da miscigenação de vários povos que aqui foram se estabelecendo desde o século XVI. Porém, as raízes culturais e linguísticas devem ser vistas a partir do contato entre a população nativa e a portuguesa no momento em que a frota de Pedro Álvares Cabral aportou na atual Porto Seguro/Bahia. A busca por interlocução entre indígenas e portugueses promoveu o enriquecimento lexical da língua portuguesa – língua do colonizador. Dentre as influências das línguas indígenas no Português, destacamos a expressão idiomática “chorar as pitangas”, originária da lusitana “chorar lágrimas de sangue”, a fim de traçarmos um breve contexto histórico, cultural e linguístico marcado no Português que hoje conhecemos.

Para que possamos reconhecer a interferência indígena no Português, em especial, na expressão idiomática citada, ancoramo-nos nas discussões teóricas de Ullmann (1964) e de Xatara (2014) no que tange, respectivamente, às metáforas e aos culturemas. E, a fim de

¹ Endereço eletrônico: nancy.arakaki@terra.com.br

² Instituto de Pesquisas “Sedes Sapientiae” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³ Cultura e Identidade na Lusofonia

responder ao processo histórico em situação de substrato linguístico, optamos pelas discussões de Navarro (1998) e de Cascudo (2004) a respeito da língua tupi e idiomatismos.

Amparo teórico: da palavra à metáfora

O uso efetivo de uma língua por um povo provoca mudanças em todos os setores do sistema linguístico – fonético, lexical e sintático – sendo que, no campo da semântica, a significação é a menos resistente. A mudança linguística por expansão semântica é uma das mais cativantes devido às associações pitorescas, humorísticas, emotivas que o falante atribui às palavras comuns e habituais do seu acervo cultural. Discutindo a respeito do significado das palavras e a moderna semântica, Ullmann (1964, p. 14-15) traz à tona a preciosa explanação de Balzac:

Que belo livro não se escreveria contando a vida e as aventuras de uma palavra? Ela recebeu sem dúvida as mais diversas impressões dos acontecimentos para que foi usada; conforme os locais, evocou ideias diferentes ... Todas estão marcadas por um vivo poder que recebem da alma e que lhe restituem pelos mistérios de uma acção e de uma reacção maravilhosas entre a palavra e o pensamento ... Apenas pela sua fisionomia, as palavras conseguem reanimar no nosso cérebro as criaturas às quais servem de roupagem ... (ULLMANN, 1964, p. 14-15)

É no âmbito dessas acepções que o restabelecimento do elo entre os dois sentidos – o velho e o novo – deve aludir a certa informação acerca da sua história e ao contexto cultural em que a palavra adquiriu novo significado. Para Ullmann (1964), o contexto cultural é extremamente importante para a compreensão “cabal das palavras-chave que resumem os ideais de uma determinada civilização”, sendo que a mais prosaica das palavras pode ganhar uma aura emotiva em função do ambiente e das circunstâncias socioculturais em que surgiu.

Como os assuntos que mais interessam a uma comunidade estão de contínuo permeando os pensamentos dos falantes, é comum surgirem comparações e metáforas para a descrição de suas experiências motivadas por seus temores, suas aspirações ou seus ideais. O novo significado que a palavra adquire não fará desaparecer o velho, ambos coexistirão nos atos de fala, pois

a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como

um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis (ULLMANN, 1964, p. 442).

De acordo com Malinowski, a concepção de contexto

deve ultrapassar os limites da mera linguística e transportar-se para a análise das condições gerais em que uma língua é falada ... O estudo de qualquer língua, falada por um povo que vive em condições diferentes das nossas e possui uma cultura diferente, deve ser conduzido simultaneamente com o estudo da sua cultura e do seu meio ambiente. (MALINOWSKI citado por ULLMANN, 1964, p. 106)

Os processos metafóricos advêm dos ajustes realizados pelos falantes entre o significado das palavras e o contexto em que elas funcionam. Perante situações cotidianas, o falante procura interpretar as imagens que lhe surgem à mente associando-as a objetos que circundam seu meio ambiente. Tanto assim que a “palavra grega *metáfora* significa literalmente ‘transferência’; composta por ‘meta > trans + pherein > levar’” (ULLMANN, 1964, p. 443); portanto, é a transferência de imagens, cores, formas, situações *etc.*, a lei básica do surgimento das metáforas.

Rocha (2012), em estudo sobre os processos metafóricos, valendo-se da discussão de Bueno (1967), ressalta a subdivisão das metáforas em perceptivas, sinestésicas, afetivas e pragmáticas⁴. De acordo com essa autora, as metáforas perceptivas são aquelas que estabelecem semelhanças entre imagens por suas formas e cores, o que podemos associar aos artifícios lexicais distinguidos por Ullmann (1964). O artifício lexical é o mais potente recurso utilizável na elaboração da linguagem figurada, visto que é utilizável com propósitos emotivos e expressivos no momento em que o falante se vale explicitamente de comparações ou, implicitamente, de metáforas.

Para Ullmann (1964), a comparação ou a metáfora surge em situações em que a mente e/ou a vista capta semelhanças entre as coisas e/ou situações; assim, as metáforas afetivas são construídas por analogias entre estados da alma, cores, objetos e seres. Dessa forma, a presença de metáforas na língua é o resultado de percepções e associações realizadas pelos falantes que, no centro de seu contexto cultural, procuram dar significado conotativo aos seus desejos, emoções, experiências. É dessa maneira que os novos significados que as palavras vão adquirindo explicitam as metáforas que subjazem no que Xatara (2014) qualifica de *culturemas* os quais estão na base da criação idiomática.

⁴ Sobre o assunto, consultar Rocha (2012).

Amparo teórico: dos culturemas às expressões idiomáticas

A língua, como fato social, conduz o povo a utilizar o léxico para poder comunicar suas ideias, emoções, valores *etc.* e, quando o falante não encontra no seu repertório linguístico uma palavra que traduza seu pensamento, ele procura inovar com associação de imagem, cores, formas *etc.* dando origem então às metáforas. Estas são, portanto, criações culturais que passam do individual para o coletivo e, posteriormente, pelo uso contínuo e aceitabilidade, passam a integrar o patrimônio cultural de uma comunidade. É nesse campo metafórico que surgem os culturemas que

são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados (...) metáforas aceitas como tradicionais por um povo em particular, ou por povos num sentido mais amplo. Essas metáforas criadas pelos culturemas acabam por ultrapassar o nível simbólico e se concretizam nos fraseologismos. (XATARA, 2012, p. 503)

Adotamos o conceito de fraseologismos ou expressões idiomáticas (EIs) definido por Xatara (2012) como unidades fraseológicas representadas por lexias complexas conotativas, abundantemente utilizadas na linguagem padrão. As EIs são sintagmas indecomponíveis, isto é, os elementos (palavras) que as compõem não podem ser interpretados pelo seu significado individual; nisto consiste a competência comunicativa de um falante. Ele deve ser capaz de identificar o significado da EI no seu conjunto, isto é, sem separar as palavras, sem interpretação literal das partes do sintagma e sem reagrupá-las por seu sentido individual.

O falante, para se comunicar e desenvolver sua competência comunicativa, deve saber reconhecer os constrangimentos culturais, sociais, históricos e psicológicos e deve dominar não só o código da língua, mas também e, essencialmente, dominar as estruturas discursivas com principal enfoque na idiomaticidade.

A relação de sentido de uma EI não é uma relação arbitrária e, como visto, ela pode ser motivada por uma metáfora conceitual subjacente, “cujos fenômenos que aparecem na linguagem figurada somente podem ser descritos de forma correta se recorrermos a códigos culturais, como crenças religiosas, costumes, literatura, arte, etc.” (LUQUE DURÁN, 2010, citado por XATARA, 2012, p. 504).

De acordo com Biderman, as EIs de uma língua exibem uma enorme heterogeneidade e, do ponto de vista da sua natureza, esse tipo de combinatória lexical é fruto da cultura. Não é em vão que Ullmann (1964, p. 245-246) salienta a necessidade de informação histórica e

ressalta que “as palavras designam, não entidades singulares, mas classes de coisas ou de acontecimentos ligados por qualquer elemento comum” a que não se pode subtrair o contexto cultural. Seguindo essa linha de discussão, nos dizeres de Xatara (2012),

as semelhanças que ocorrem no interior das EIs, que compreende sobretudo os dados culturais, são explicadas pela globalização, que promove contatos interlinguísticos entre diferentes culturas, propiciando a troca desses dados culturais entre as diversas sociedades, ou seja, de suas visões de mundo, ideologias e escalas de valor. (XATARA, 2012, p. 504)

Visto sob esse ângulo, adotamos a concepção de Xatara (2012) no que tange aos culturemas supranacionais, aqueles que são compartilhados por povos em contato ou ainda, aos “culturemas mais universais, provenientes dos símbolos criados pela mitologia, pela Bíblia e pela literatura clássica”. A autora exemplifica esses culturemas com a tradicional EI “beijo de Judas”, presente no patrimônio lexical das civilizações cristãs com significado de traição.

Esses culturemas supranacionais oriundos das civilizações cristãs são um dos fatores responsáveis pela distinção hoje detectada entre o Português Europeu e o Português Brasileiro. Os ideais cristãos singraram o Atlântico com a frota de Cabral (1500), aportaram na costa brasileira, depararam-se com os índios nativos, e a busca por interlocução entre portugueses e índios provocou o florescimento da variedade Português Brasileiro com farta contribuição lexical do tupi.

Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil

Quando falamos em tupi antigo imediatamente vem à mente a pergunta: há tupi atual? Sim, porque toda língua em uso vai sofrendo alterações e permite uma visão diacrônica e, com o tupi, não foi diferente. Ainda hoje ele é falado por pequenas comunidades indígenas em regiões brasileiras⁵. O tupi antigo foi língua de interlocução entre nativos e portugueses cuja escrita é encontrada em fontes quinhentistas e seiscentistas e é a língua que contribuiu em larga medida para a afirmação cultural brasileira. De acordo com Navarro (1998), estudioso e amante de língua indígena, o tupi é

a língua indígena clássica do Brasil, a que mais importância teve na construção espiritual e cultural de nosso país, a velha *língua brasílica* dos

⁵ Cf Moreira (s/d).

primeiros dois séculos de colonização do Brasil e que já se convencionou chamar de tupi antigo. Essa foi a língua que os marinheiros da armada de Cabral ouviram quando aqui chegaram em 1500 (NAVARRO, 1998, xi; grifos do autor).

No início da colonização brasileira, acreditava-se que em toda a costa brasileira se falava a mesma língua. Entretanto, estudos posteriores identificaram que o tupi antigo (ou tupinambá) era uma língua do tronco tupi-guarani. Moreira (s/d) traz excelente registro histórico a esse respeito:

A língua de que usam, toda pela costa, é uma, ainda que em certos vocábulos difere em algumas partes, mas não de maneira que se deixam uns aos outros de entender. (Gândavo, 1980, p. 122) “... desde os potiguares do Paraíba até os tamoios do Rio de Janeiro, pronunciam inteiros os verbos acabados em consoante, como Apab, Asem, Apen, Aiur. (Esse é o dialeto do tupinambá e doutros indígenas da costa) (Anchieta)”. (MOREIRA, s/d)

Os tupis de São Vicente, que são além dos Tamoios do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo. Em lugar de Apab dizem Apá, em lugar de Asem e Apen, As? E Ap. pronunciando o til somente; em lugar de Aiur, (dizem) Aiu. (Esse é o dialeto dos tupis de São Vicente) (Anchieta).

Havia, assim, uma grande proximidade linguística entre as línguas do tronco tupi-guarani faladas no litoral brasileiro, portanto o tupi funcionou como termo designativo do tupinambá, tupiniquim e tupinaé.

Os fatores que contribuíram para a difusão do tupi foram a proximidade cultural entre os diversos grupos étnicos que habitavam o litoral e a aproximação deles com os portugueses. Ele superou outras línguas indígenas nacionais; chegou a ser, por séculos, a língua da população brasileira, inclusive de portugueses do sistema colonial, fato esse que contribuiu para a unidade política do Brasil e foi reconhecido como língua basílica sendo aos poucos expandida para o interior regional por meio dos bandeirantes.

Essa foi a língua que falaram Tibiriçá (...), Caramuru (...) língua que foi descrita e falada por Anchieta (...) por Antonio Vieira (...) que em forma evoluída, Fernão Dias Pais, Borba Gato, Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), Raposo Tavares falaram e levaram com suas bandeiras para regiões interioranas do Brasil, língua que Gonçalves Dias e José de Alencar tentaram aprender para compor suas obras e afirmar uma literatura nacional, em oposição a uma literatura lusitana. (NAVARRO, 1998, xi)

Para além do propósito colonial de evangelizar e catequizar os nativos na sua língua materna, o tupi antigo foi aceito, aprendido e registrado por missionários como justificam as gramáticas tupis de Anchieta (1595) e a de Luis Figueira (1621). A gramatização do tupi levou erroneamente a crenças de que seria uma língua criada pelos jesuítas “chegando até chamá-la de *tupi jesuítico*” (NAVARRO, 1998, p. x, grifos do autor).

Durante séculos, o tupi antigo foi a língua de comunicação entre a população brasileira – nativa e estrangeira (portugueses, africanos *etc*) – que, mesmo em situação de substrato linguístico, superava o uso da língua portuguesa. Contudo, com o início das expedições dos bandeirantes para o interior e a descoberta das minas de ouro e diamantes, chegaram ao Brasil imigrantes portugueses para ocupar os novos centros econômicos. Assim foi predominando o bilinguismo – português e tupi – até que o Português se sobrepôs ao tupi e às demais línguas indígenas principalmente com o decreto do Marques de Pombal, em 1758. Este decreto proibiu o uso da língua brasileira e obrigava toda a população – nativa e estrangeira – a aprender e a usar a língua portuguesa tanto em contexto familiar quanto em contexto escolar e social.

A história mostra que as duas línguas – tupi e português – coabitaram por muitos anos as terras brasileiras e seguiram a lógica natural do uso: evolução e mudanças linguísticas. Há, por conseguinte, o processo enriquecedor que é a interferência de uma língua na outra como reflexo da cultura. A fauna e a flora brasileira têm nomes indígenas e a toponímia e antroponímia brasileiras comprovam a influência do tupi antigo no Português Brasileiro, pois “o tupi, como qualquer língua indígena, é uma língua ecológica, de povos em máximo contato com a natureza selvagem” (NAVARRO, 1998, xii).

O tupi antigo auxilia-nos na reconstrução da história e da memória cultural brasileira visto que, “mais que uma língua indígena, o tupi estende seus tentáculos para a geografia, para a história, para a literatura, para a toponímia e para a língua portuguesa do Brasil”. Ele “ajudou a plasmar a cultura brasileira, foi falado por europeus, africanos e seus descendentes e (...) ajuda a explicar nomes como Pernambuco, Sergipe (...), expressões como ‘chorar as pitangas’, termos como paçoca, pipoca, peteca (...)” (NAVARRO, 1998, xii-xiii). É a *tabuada de nossa civilização*⁶ que nos permite discutir e reconstruir um passado cultural em que a língua e a cultura dos povos nativos do Brasil estão marcadas e expressas no léxico que dão cor e frescor tropical ao Português Brasileiro.

⁶ Termo usado por Afrânio Peixoto (NAVARRO, 1998, xii).

Tupi antigo e português: de “chorar lágrimas de sangue” a “chorar as pitangas”

As expressões idiomáticas surgem de uma combinatória de palavras que, por mutação semântica, passam a constituir uma unidade lexical, pois sua compreensão não pode ser obtida por separação. As expressões idiomáticas possuem um significado metafórico provocado por culturemas semelhantes que, como apontado anteriormente, devemos entendê-las à luz do contexto cultural em que nasceu.

Como os culturemas são a matéria-prima das EIs e devemos buscá-los no interior das mesmas, partimos da concepção de que o culturema implícito nas expressões idiomáticas por nós selecionadas é símbolo do cristianismo amplamente difundido entre os nativos brasileiros por meio da catequese e associado, metaforicamente, à flora brasileira.

Recordemos a imagem de Jesus Cristo no Getsêmani, momentos antes de sua crucificação: “Jesus (...) estando angustiado, ele orou ainda mais intensamente; e o seu suor era como gotas de sangue que caíam no chão” (Evangelho de Lucas, capítulo 22, versículo 44)⁷. Ainda que não tenhamos realizado uma pesquisa exaustiva sobre a origem da EI “chorar lágrimas de sangue”, é bem provável que ela advenha dessa cena cristã em que o sentimento de angústia traduz-se na concretude de verter “gotas de sangue”. Se o choro, nesse caso, é resultado de dor e angústia extremas, as lágrimas vertidas não são *gotas de água* e sim *gotas de sangue*, uma vez que “a linguagem da vida diária dirige-se mais para o concreto e para específico que para o abstracto e geral” (ULLMANN, 1998, p. 479).

Dessa forma, a aproximação entre portugueses e indígenas no início da colonização e as ações colonialistas de propagação da fé, da língua e da cultura provocou trocas significativas e, segundo historiadores, os portugueses enfrentaram algumas dificuldades com os índios e usavam demais a EI “chorar lágrimas de sangue”⁸. De acordo com Câmara Cascudo (2004, p. 217), em Portugal, existe, há séculos, *o lágrimas de sangue*. É no âmbito dessa vivência que os nativos acostumados e conhecedores da natureza brasileira captaram e associaram a imagem de “lágrimas de sangue” à fruta “pitanga” em que ressaltam a forma e a cor para criação metafórica.

Façamos, então, um apanhado geral e separatista das EIs em referência com intuito de verificarmos a riqueza e a criatividade do índio brasileiro em que espelha sabedoria e perspicácia, além de demonstrar domínio de sua língua materna – o tupi antigo – e notório conhecimento da língua do colonizador: o Português.

⁷ Cf BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional

⁸ Cf. Cultura Alternativa.

Admitindo-se que, em ambas as culturas, o ato de chorar tenha o mesmo significado e/ou os índios tenham adotado o termo, segue-se que “chorar significa derramar ou verter lágrimas” por motivos de dor, angústia, raiva, alegria; enfim, o ser humano chora por uma infinidade de razões, cujo ato provoca vermelhidão nos olhos.

O Dicionário Michaelis (1998) registra um fato interessante que vem ao encontro de nossas observações: “Chorar lágrimas de sangue: a) verter pranto sincero; b) sentir dor ou arrependimento”⁹. Chorar pitanga; chorar lágrima de sangue. Lastimar-se”. Assim, façamos um paralelismo entre as palavras-chave das EIs em destaque.

Português	Tupi antigo
lágrimas de sangue	pitangas
Gotas de cor vermelha	Pitanga, piranga, em tupi, vale “vermelho”. O fruto globular é de linda carnação rubra ¹⁰

A ideia de que a “pitanga” tem uma vaga semelhança com a “lágrima de sangue” inspirou a EI “chorar pitangas”, já que o fruto é parte integrante da cultura indígena. Além disso, os fatores emotivos provocados por situações socioculturais – no caso, a convivência entre europeus e indígenas – fez surgirem comparações e metáforas para a descrição das experiências entre nativos e colonizadores. Verifica-se, na EI “chorar pitangas”, uma esfera de atração cultural que descreve com o máximo de precisão e variedade a visão de mundo indígena e expressa tal visão com elemento de sua língua nativa: o tupi antigo.

Portanto, relativamente ao Português Brasileiro, as EIs foram herdadas da língua e cultura portuguesa já nos primeiros tempos de contato entre europeus e índios que habitavam o Brasil em situação de substrato linguístico. Desse modo, é possível assegurar que a comunicação que foi se estabelecendo entre as duas culturas – portuguesa e indígena – e a troca cultural provocou associações a ponto de distinguirmos a EI “chorar pitangas”¹¹ da variante tupi do tronco tupi-guarani.

As EIs quando aceitas e cristalizadas perpassam os séculos e são aprendidas pelas novas gerações que as perpetuam como atesta letra da música “Eu não vou chorar as pitangas”, da dupla sertaneja Zico e Zeca:

Por que tu meu bem te zangas
Eu não vou chorar pitangas

⁹ O dicionário Aulete registra: Chorar lágrimas de sangue

1 Fig. Ser acometido por choro intenso, doloroso.

2 Arrepende-se ou afligir-se profundamente.

¹⁰ Cf. Câmara Cascudo (2004).

¹¹ Encontramos tanto a EI “chorar pitangas” como “chorar as pitangas” sem alteração de sentido.

Por que tu meu bem te zangas
Eu não vou chorar pitangas
Por ti querer sofri tanto a hora
Que fostes embora confesso que chorei
Não me quisestes, me destes um fora
Agora implora mas não voltarei

É interessante destacar que a EI “chorar pitangas” nos remete à ideia de eufemismo em relação a “chorar lágrimas de sangue” porque lhe é atribuído um valor menor, menos doloroso que é o ato de *lastimar-se*, *lamentar*. Essa foi a imagem captada pelos índios num tempo de trocas culturais e vivências ora turbulentas, ora pacíficas e harmoniosas. Assim, o tupi antigo teve uma difusão incomparável às demais línguas indígenas, tendo cooperado para a formação da cultura brasileira e foi referência fundamental de todos os que quiseram afirmar a identidade cultural do Brasil.

Para finalizar

A língua como fato social heterogêneo e falada por uma sociedade não homogênea reúne palavras que nem sempre têm o mesmo significado. A língua portuguesa no Brasil foi acompanhando a cultura vivida por nativos e portugueses e palavras das duas línguas foram se associando de maneira conotativa para transmitirem emoções e valores a ponto de hoje identificarmos fragmentos culturais que revelam suas visões de mundo há mais de quinhentos anos.

Nesse cenário histórico, sendo o tupi antigo mais falado que a própria língua portuguesa, que só se impôs nacionalmente após a segunda metade do século XVIII, vale recordar e refletir sobre a posição de Lemos Barbosa (1956, citado por NAVARRO, 1998): “falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional”. Assim, as EIs tradicionais no Brasil, como as que trouxemos a campo, excedem o conhecimento de listas de palavras de origem indígenas.

Referências bibliográficas

AULETE. *Dicionário on line*. <http://www.aulete.com.br/1%C3%A1grimas>. Acesso em 11.jul.2016.

BÍBLIA SAGRADA: *Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BIDERMAN, M. T. C. *Unidades complexas do léxico*. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em 18.jul.2016.

CÂMARA CASCUDO, L. da. *Locuções Tradicionais no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

CULTURA ALTERNATIVA. *A curiosa história de dez expressões da língua portuguesa*. <http://www.culturaalternativa.com.br/geral/materias/item/2238-a-curiosa-historia-de-dez-expressoes-da-lingua-portuguesa> Acesso em 24.jul.2016.

MICHAELLIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MOREIRA, C. M. *A influência do tupi na formação do português do Brasil*. <http://www.filologia.org.br/cluerg-sg/aniar/ii/completos/mesas/3/cristianomarinsmoreira.pdf>. Acesso em 09.jul.2016.

NAVARRO, E. de A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998.

ROCHA, C. C. A formação do português brasileiro pela observação de expressões idiomáticas. *Revista Contraponto*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2012. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/view/4788/pdf> Acesso em 10.jul.2016

ULLMANN, S. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbernkian, 1964.

XATARA, C. M. *O resgate das expressões idiomáticas*. <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3980/3655> Acesso em 14.jul.2016.

XATARA, C. M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. *Domínios da Linguagem*. v. 8, n. 1 (jan/jun, 2014). http://www.seer.ufu.br/index.php/domínio_da_linguagem. Acesso em 01.set.2015.

XATARA, C. M. *O campo minado das expressões idiomáticas*. www.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4048/3712 Acesso em 14.jul.2016

ZICO & ZECA. *Eu não vou chorar as pitangas*. <https://www.letras.mus.br/zico-e-zeca/1715071>. Acesso em 24.jul.2016.

ABSTRACT

The formation of the Brazilian Portuguese brings out the influence of indigenous languages had on this cultural heritage in the first two centuries of colonization. In the center of possible lexical interference, are the expressions idiomatics created a specific cultural context that allow us to identify and confirm the importance of the ancient Tupi .

Key words: Language. Culture. Idiomatic expression.

Envio: Agosto/2016
Aprovado para publicação: Agosto/2016